

**A DIVERSIDADE CULTURAL NA AULA DE PORTUGUÊS: UM PERCURSO PARA A  
DESCOBERTA DE SI E DO OUTRO**

ANA RAQUEL COSTA AGUIAR / ROSA BIZARRO

**Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Investigação em Educação - UM**

**Resumo**

A escola de hoje tem uma importância inegável na promoção de uma educação democrática capaz de proporcionar a todos os alunos as mesmas oportunidades e promover a justiça social (Freire, 1972). No entanto, e face à pluralidade de idades, géneros, origens sócio-económicas, religiões, perfis cognitivos, de aprendizagem... (Abdallah-Preteuille, 2003), que caracteriza os atores educativos, o percurso rumo à igualdade exige respostas pedagógico-didáticas que perspetivem a diversidade como uma mais-valia e não como uma desvantagem.

Neste contexto, e assumindo que a escola, em geral, e a educação em línguas, em particular, não podem ficar indiferentes às características individuais dos seus alunos, é fundamental que o processo educativo seja construído com base nas motivações, interesses e necessidades dos alunos, no sentido da promoção da sua autonomia (Bizarro, 2008) e construção identitária, mas esteja também ciente de que só com processos de ensino-aprendizagem exigentes e dotados de sentido para todos se poderá desenvolver a sociedade a que pertencemos.

Defendemos que aprender uma língua é enfatizar o linguístico, mas também o cultural explícito, ultrapassando visões parcelares e estereotipadas, promovendo-se (re)encontros com a alteridade (Abdallah-Preteuille, 1992), para o enriquecimento da própria identidade. A partir destes pressupostos, apresentaremos os resultados de um trabalho de oficina de escrita, realizado com alunos de um curso CEF, na disciplina de Português, mostrando que a Diversidade Cultural pode/deve ser trabalhada, visando o encontro do Eu com o Outro.

**Palavras-chave:** educação em línguas; Diversidade Cultural; identidade; alteridade; escrita.

**Summary**

Today's school has an undeniable importance in promoting a democratic education capable of providing every student with the same opportunities and promoting social justice (Freire, 1972). Nevertheless, and considering the plurality of ages, genders, social-economic backgrounds, religions, cognitive and learning profiles... (Abdallah-Preteuille, 2003), which differentiates the educational actors, the path towards equality demands pedagogic and didactic answers that must consider diversity as a plus and not as a disadvantage.

Bearing this in mind, and assuming that the school, in general, and the language education, in particular, can't be indifferent to the individual characteristics of its students, it is fundamental that the learning process is built upon its students' motivations, interests and needs, as to promote their autonomy (Bizarro, 2008) and identity construction but it also must be aware of the fact that only with directed and demanding teaching-learning processes can the society we belong to be able to develop.

We support that learning a language is emphasizing the linguistically, but also culturally, explicit, surpassing parceled out and stereotyped ways of thinking, promoting meetings with alterity (Abdallah-Preteuille, 1992), in order to one's identity enrichment. Starting with these assumptions, we'll present the results of writing workshop work, made by students of a FEC (Formation and

Education Course), belonging to the Portuguese subject, showing that Cultural Diversity can/must be worked on, aiming at the meeting between the Other and the Self.

**Keywords:** language education; Cultural Diversity, identity, alterity; writing

## **Introdução**

À luz dos atuais quadros de referência para a Educação, a Diversidade impõe-se, neste século, na maior parte das disciplinas do campo das ciências humanas e sociais, como um conceito operatório que urge aproveitar em toda a sua potencialidade.

Situando-nos no campo educativo, em que o pólo das atenções máximas é, de facto, o aluno, há que realçar que a questão da Diversidade reafirma a sua relevância. Basta pensarmos que o nosso tecido escolar é caracterizado por uma forte heterogeneidade, em termos sociais, mas não só, e que os nossos alunos se assumem como marcadamente heterogéneos, desde os perfis de aprendizagem que os caracterizam, às motivações que os orientam, passando pela respetiva origem sócio-cultural e económica, para só indicar três das marcas mais relevantes da Diferença. Como tal, a Diversidade é, de facto, uma realidade e exige dos professores e da escola redobradas responsabilidades, tanto mais que o trabalho que desenvolvem tem como uma das finalidades maior é formar cidadãos do mundo, capazes de viver na nossa aldeia global e de interagir de modo construtivo com a Diferença.

### **1. Da Diversidade Intercultural à Diversidade Intracultural**

Atualmente, todos os círculos da sociedade são marcados pelas diferenças (nomeadamente sociais, linguísticas, económicas, culturais, religiosas...) existentes entre Uns e Outros, mas é no seio da comunidade escolar que o seu entendimento pode/deve ser perspectivado a favor de uma maior justiça social (Freire, 1972) e de um crescimento pessoal. Relembremos, todavia, que esta preocupação com a questão da Diversidade é consequência da escola de massas e, simultaneamente, da heterogeneidade sócio-cultural do público escolar, resultado, entre outros fatores, do acolhimento de várias comunidades migrantes, como se a Escola que é “de todos” se começasse a preocupar com “cada um” ou, pelo menos, com “cada grupo”.

Assim, e reconhecendo toda a importância à Diversidade cultural, não podemos ignorar que cada aluno, ainda que possuindo referentes linguístico-culturais diversificados atinentes ao grupo social de origem, apresenta características próprias que o tornam único. Dentro desta nova visão, salientamos a importância da Diversidade Intracultural, mostrando que o que se pressupõe coeso e homogéneo se revela, muitas vezes, heterogéneo e fraturado. O fechamento e a unilateralidade que se pensa existir dentro de uma mesma cultura pode tornar-se frágil. Por exemplo, no caso do processo de ensino-aprendizagem, urge olhar cada aluno como um ser único, individual, com conhecimentos, interesses e estilos de aprendizagem diferentes, dando voz às diferenças de idade, de sexo, de personalidade, hábitos familiares, proveniência social, entre outros.

Ao entendermos o educando como um ser único, defendemos que a prática pedagógica se constrói numa relação de troca entre professor e aluno e aluno/aluno, já que negamos a unilateralidade da educação, preferindo defender que todos se educam mutuamente (Lira, 2005).

### **2. Da identidade à alteridade: do Si ao Outro**

A Diversidade Cultural, na perspectiva por nós aqui proposta, é aquela que permite reconhecer que, independentemente da origem, existem Eus e Outros que possuem características que os

aproximam e outras que os tornam serem diversos e plurais, por excelência, o que implica um novo entendimento do conceito de “cultura”. Este novo entendimento da Diversidade cultural contribuirá, assim, para pôr em prática uma educação democrática capaz de proporcionar a todos os alunos as mesmas igualdades e promover a justiça social (Freire, 1972).

Realce-se, então, a importância do conceito de identidade para a Educação Intercultural.

Na sua essência, identidade é essencialmente um sentimento através do qual um indivíduo percebe que há um Eu diferente dos Outros (Camilleri, 1990). Por isso, a própria construção da identidade pessoal só pode ser feita tendo como referencial a figura do Outro. Assim sendo, a sociabilidade surge como a chave que permitirá ao indivíduo desenvolver esta relação Eu – Outro. Isto torna-se ainda mais relevante, já que

“Dans le monde du travail, les personnes sont amenées à rencontrer au quotidien des personnes d’un autre groupe culturel, les relations interpersonnelles et interprofessionnelles relevant de la hiérarchisation des postes de travail se combinent alors avec des relations interculturelles qui éveillent différentes représentations de l’autre et impliquent des repositionnements identitaires” (Sabatier, Malewska, Hanna & Tanon, 2002, p.14).

Como corolário do que referimos, surge, primordialmente, a importância dada à interação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, isto é, outros indivíduos, grupos ou estruturas sociais.

Assim sendo, o olhar do Outro constrói uma imagem, uma personalidade, modelos culturais e papéis sociais que cabe ao indivíduo rejeitar ou aceitar. No entanto, é também no seio das redes de interação, familiares e sociais, que se (re)constroem os traços que definem cada ser e os elementos a que os Outros recorrem para os definir (Camilleri et al., 1990). Como tal, assumimos que a identidade é produzida não tanto pelo olhar do Outro, mas pelo movimento dialético de interiorização e de contestação da situação de interação que define os lugares relativos de cada indivíduo. Consequentemente, este define-se de acordo com as relações que estabelece com os Outros.

Face ao que ficou exposto, reconhece-se, portanto, que o indivíduo não tem uma identidade única, antes dispõe, necessariamente, de um conjunto de identidades possíveis: individual, de classe, nacional, profissional, étnica (Saint-Maurice, 1994), pertencendo, simultaneamente, a vários grupos e participando em diferentes subculturas: familiares, comunitárias, regionais, políticas, religiosas, profissionais, geracionais, entre outras. Deste modo, o olhar do Outro, institucionalizado através de vários fatores como a idade, o sexo, o meio de origem ou a atividade que desenvolve..., confere ao ator social identidades diversas. Neste sentido, destacamos, então, a necessidade de um outro conceito que supera o de identidade e que visa dar conta da nova realidade das sociedades contemporâneas: a copresença no mesmo espaço-tempo de diversas culturas, o que intensifica as trocas de bens, capitais, informações, indivíduos e ideias. Estamos, portanto, perante o conceito de alteridade que implica um reconhecimento do Outro na sua diferença, privilegiando-se as relações Eu-Outro.

Alteridade significa, pois, o estabelecimento de interações entre, por um lado, códigos culturais de pertença e, por outro, práticas que vão dando voz às transformações culturais (Meunier, 2007). A interação torna-se, assim, um sistema a partir do qual se funda a cultura (Goffman, 1974). Em suma, a alteridade representa o enquadramento intersubjetivo no qual as noções de identidade e de cultura se definem como produto quer de relações, quer do próprio discurso (Abdallah-Pretceille, 2006). Há, portanto, uma associação dos conceitos de identidade e alteridade, pois a construção do Eu implica que este reconheça os Outros como diferentes e semelhantes.

Para além desta relação entre Nós e Eles, isto é, entre a mesmidade e alteridade, o que define o Outro são os diferentes espaços-tempos em que se insere. Como sugere Gabilondo,

“a diferença não se reduz à diferença de um consigo mesmo, nem simplesmente à de um com outro, mas é a experiência viva de uma irrupção – da palavra e do olhar - que torna possível essas outras formas de alteridade [ ... ].” (2001, p. 193).

Desta forma, na perspectiva que aqui defendemos, esta irrupção do Outro não surge para perturbar o Eu (Lévinas, 2000) ou para o excluir. Antes, irrompe, simplesmente, e nessa irrupção

“já não se trata de identificar uma relação do outro como sendo dependente ou como estando em relação empática ou de poder com a mesmice; não é uma questão que se resolve enunciando a diversidade e ocultando, ao mesmo tempo, a mesmice que a produz, define, administra, governa e contém; não se trata de uma equivalência culturalmente natural; não é uma ausência que retorna malferida; trata-se, por assim dizer, da irrupção (inesperada) do outro, do ser outro que é irreduzível em sua alteridade” (Skliar, 2003: 43).

Como tal, não se trata de filtrar o Outro pela sua cultura, mas entendê-lo pelo que ele é, numa ética da alteridade. Assim, a preocupação com a Diversidade Intercultural impôs-se como um percurso obrigatório nas práticas pedagógicas visando a descoberta de Si e do Outro.

### **3. A Educação Intercultural no contexto educativo: um exemplo prático**

Face ao novo desafio da Escola em formar para a abertura ao Outro e descoberta de Si, defendemos que urge tomar por base os elementos da cultura que o aluno exprime nos seus comportamentos e atitudes (Pretceille, 2003), não descurando que a reciprocidade, a interação e o diálogo exigem *a adoção consciente e sistemática de práticas pedagógicas, finalisticamente orientadas pelos princípios e valores do diálogo intercultural...* (Bizarro & Braga, 2006, p. 5). Só assim se conseguirá, através das práticas pedagógicas, unir a tensão identidade internacional e diversidade nacional (Hameline, 2000), valorizando os aspetos comuns às diferentes culturas, quaisquer que elas sejam. Aliás, as tentativas pedagógicas recentes pretendem encontrar competências transversais através dos saberes, articulando-as com os diferentes estilos dos alunos, elaborando pedagogias plurais e diferenciadas. Deste modo, a questão pedagógica central é a tomada em consideração da diferenciação, o que significa que o projeto-base é fazer da heterogeneidade um valor a respeitar, promovendo os elementos que unem os alunos.

Assim, tendo como base estes pressupostos, os alunos de Língua Portuguesa de um curso CEF de uma escola do Porto realizaram, em março do corrente ano, um trabalho de produção escrita sobre os valores e antivalores presentes na obra *Falar Verdade a Mentir* de Almeida Garrett. Reitera-se, pois, a importância dos processos linguísticos como meio de identificação, colocando o locutor em redes de interações que, como já referimos, contribuirão para a construção do Eu enquanto seres coletivos e individuais, proporcionando, igualmente, a descoberta do Outro.

Assim, num contexto grupal fortemente marcado pela heterogeneidade, com a presença de um aluno de etnia cigana, um de origem cabo-verdiana, um hiperativo, duas residentes numa instituição de acolhimento e outros provenientes de diferentes meios económicos e sócio-culturais, verificamos que é possível trabalhar sobre bases comuns que permitirão a descoberta de Si e do Outro.

Após a realização das produções escritas, o professor escreveu diferentes frases no quadro sobre os valores e antivalores da obra, recolhidas dos trabalhos dos alunos, que passamos a citar:

A) “Esta obra representa muito do que existe na realidade, muitas pessoas mentem para tornar a sua vida mais interessante e a rede de mentiras torna-se tão grande que não conseguem parar, tal como aconteceu a Duarte na obra.”

- B) “A verdade é um valor fundamental que, na sociedade, está bastante esquecido, assim como nesta obra também.
- C) “Eu gostei muito desta obra, pois está muito bem organizada e dá-nos a entender que nunca é bom mentir.”
- D) “As pessoas não devem mentir, pois isso diz muito do caráter e coragem de uma pessoa.”
- E) “Eu não gostei da história porque eu acho que havia muita mentira.”
- F) “Eu não gostei muito da obra porque um mentiroso não devia ser encoberto como foi, já que quem mente deve sofrer as consequências.

Com este trabalho, o professor pretendeu mostrar aos alunos que, apesar das diferenças, há valores comuns que os unem, o que permite uma descoberta intra e interindividual. Tratou-se, portanto, de uma experiência que nos mostrou, também, que

“Rencontrer autrui, ce n’est pas seulement utiliser “ses mots”. Au-delà du linguistique, il est nécessaire de développer d’autres compétences: aptitude à l’empathie, à la communication, à la négociation intergroupe, à la relation... compétences sans lesquelles tout apprentissage linguistique risque d’être réduit à une mécanique” (Abdallah-Preteuille, 1999, p.100).

## **Conclusão**

Em suma, impõe-se que a organização escolar assuma um compromisso de pluralismo, promovendo a integração de todos os alunos num mesmo conjunto, em vez de um tratamento específico de certas populações, pois acreditamos que toda a segregação da população acentua as desigualdades entre os discentes, não promove a diversidade, nem contribui para a construção do processo identitário (Houssaye, 2000).

“Pode afirmar-se, em síntese, que a identidade é resultante de um delicado equilíbrio entre os processos de identificação e de diversificação, cujo desmoronamento, pelo exacerbamento de qualquer um destes termos, significa a reinstauração da lógica redutora da razão identitária, ainda que, eventualmente, com novos protagonistas e confrontos inéditos.” (Carvalho, 2000, p. 68).

Por outras palavras, o docente de línguas, materna ou estrangeira, deve pôr em prática uma pedagogia personalizadora, isto é, valorizar a comunicação entre *Eus* e *Outros*, tendo plena consciência de que o Eu só se descobre e realiza no diálogo, na comunicação que se estabelece com o Outro. Daí que o fundamental seja a relação do Eu com o Outro mais do que o Eu e o Outro.

Assim, falemos em destinatários com a mesma origem cultural e/ou linguística ou não, *aquilo que se torna necessário estruturar e desenvolver, em contextos educativos, formais e informais, é uma aprendizagem do descentramento na forma de ver e estar no mundo*, (Mendes, 2005: 137), acentuando os valores comuns que unem os indivíduos, pois só assim será possível formar jovens intrinsecamente plurais, preparados para viver no mundo em que nos encontramos.

## **Referências Bibliográficas**

Abdallah-Preteuille, M. (2006). L’interculturel comme paradigme pour penser le divers. In R. Bizarro (Org.), *A Escola e a Diversidade Cultural – Multiculturalismo, Interculturalismo e Educação* (pp. 77-87). Porto: Areal Editores.

- Abdallah-Pretceille, M. (2003). *Former et éduquer en contexte hétérogène. Pour un humanisme du divers*. Paris: Anthropos.
- Abdallah-Pretceille, M. (1999). *L'éducation interculturelle*. Paris: PUF.
- Abdallah-Pretceille, M. (1992). *Quelle école: pour quelle intégration?* Paris: Hachette.
- Altet, M. (2000). *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*. Porto: Porto Editora.
- Bizarro, R., & Braga, F. (Org.). (2006). *Formação de professores de línguas estrangeiras: Reflexões, Estudos e Experiências*. Porto: Porto Editora.
- Bizarro, R. (2008). O ensino-aprendizagem de uma Língua Estrangeira: do objeto aos objetivos. In R. Bizarro (Org.), *Ensinar e Aprender Línguas e Culturas Estrangeiras hoje: Que perspectivas?* (pp. 82-89) Porto: Areal Editores.
- Camilleri, C., Kastarsztein, J., Lipansky, E. M., Malewska-Peyre, H., Taboada-Leonetti, I., & Vasquez A. (1990). *Stratégies identitaires*. Paris: PUF.
- Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Carvalho, A. D., Vilela, E., Batista, I., Couto, M. J., & Almeida, Z. (2000). *Diversidade e Identidade. Atas da 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação*. Porto: Instituto de Filosofia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ferréol, G., & Jucquois, G. (2003). *Dictionnaire de l'altérité et des relations interculturelles*. Paris : Armand Colin.
- Freire, P. (1972). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento.
- Gabilondo, A. (2001). *La vuelta del Otro. Diferencia, identidad, alteridad*. Madrid: Editorial Trotta.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências múltiplas: A teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Goffman, E. (1974). *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit.
- Hameline, D. (2000). *Courants et contre – courants dans la pédagogie contemporaine*. Paris: E.S.F. Édition.
- Heacox, D. (2006). *Diferenciação curricular na sala de aula: como efetuar alterações curriculares para todos os alunos*. Lisboa: Porto Editora.
- Houssaye, J. (2000). Gérer le pluralisme en éducation?. In A. D. de Carvalho, E. Vilela, I. Batista, M. J. Couto & Z. Almeida. *Diversidade e Identidade. Atas da 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação* (pp. 79-90). Porto: Instituto de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Lévinas, E. (2000). *Ética e infinito*. Madrid: La balsa de la Medusa.
- Lira, H. (2005). *Multiculturalidade e suas possibilidades (que pode praticar-se) na práxis educativa. V Colóquio Internacional Paulo Freire*. Recife.
- Mendes, M. M. (2005). *Nós, os Ciganos e os Outros: Etnicidade e Exclusão Social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Meunier, O. (2007). *Approches interculturelles en éducation. Étude comparative internationale* [Versão eletrónica]. Acedido em 10 de setembro de 2008, em <http://www.inrp.fr/vst>
- Mogilka, M. (2003). *O que é Educação Democrática? Contribuições para uma questão sempre atual* [Versão eletrónica]. Acedido em 2 de julho de 2007, em [http://www.futuroeducacao.org.br/biblio/o\\_que\\_e\\_educacao.pdf](http://www.futuroeducacao.org.br/biblio/o_que_e_educacao.pdf)
- Neto, F. (2002). *Psicologia Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sabatier, C., Malewska, H., & Tanon, F. (Org.). (2002) *Identités, acculturation et altérité*. Paris: L'Harmattan.
- Skliar, C. (2003). A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. *Ponto de Vista*, 5, 37-49.